

Sumário

13

Introdução

24

Capítulo 1: Juventude(s), escola e midiática da cultura

25

1.1 O sentido plural do “ser jovem” no Brasil

31

1.2 Tempo, espaço e relações: mudanças recentes

34

1.3 Midiatizações da cultura contemporânea

37

1.4 Cultura midiática e escola

45

Capítulo 2: O “elo” entre jovens e televisão: horizonte de análise midiática

48

2.1 Televisão e juventude

51

2.2 Breve olhar sobre os programas televisivos para jovens

62 Capítulo 3: O gênero televisivo *Malhação*

65 3.1 Os gêneros televisivos: o formato de *Malhação*

70 3.2 A ficção seriada *Malhação*

77 Capítulo 4: Vidas juvenis narradas: Análise do programa *Malhação*

79 4.1 Como se caracteriza o programa *Malhação*?

82 4.2 Tramas da temporada

84 4.3 Categorias de análise

85 4.3.1 A escola como espaço de encontro e sociabilidade

90 4.3.2 Ensinar e aprender

95 4.3.3 Escola, intervenção e o caso dengue

97 Capítulo 5: O que os jovens têm a dizer

99 5.1 Os grupos de discussão

100 5.2 Sínteses dos grupos

108 5.3 Categorias de análise: o que os jovens têm a dizer?

108 5.3.1 A escola: espaço de encontro e sociabilidade

120 5.3.2 Quem ensina e quem aprende?

139 5.3.3 Escola, intervenção e cultura juvenil

149 5.3.4 Juventude, mídia e escola

166 Considerações finais

180 Posfácio

184 Referências

Introdução

Um dia comum na escola, os alunos começam a chegar ao colégio, rostos sorridentes e sonolentos. As moças recebem beijos dos rapazes; estes, por sua vez, se cumprimentam com abraços e apertos de mãos. Toca o sinal, nós professores nos preparamos para um novo dia de trabalho na escola. Na sala, os alunos estão a conversar, as relações ainda estão pautadas pelo “bom dia”: saudações, brincadeiras, risadas, retirada de materiais da pasta. Depois de alguns minutos, damos início à nossa aula: história de Minas Gerais. Vinte minutos de conversa com os alunos e o ritmo da aula é quebrado por um pequeno acontecimento – um caderno que circula entre os alunos. O ocorrido chama atenção devido ao entusiasmo com que os alunos recebiam aquele caderno. Não se tratava de um caderno de anotações de aula, mas de um “Diário de Novelas”: “caderno de novelas, aqui você encontra o resumo e a minha opinião sobre todos os acontecimentos (principalmente de *Malhação*)”; “Ficou com raiva de algo, emocionou-se com outro, ou, ainda, ficou feliz por outro. Foi por causa de

novela? Então leia aqui!". Neste diário ainda havia várias enquetes: Com quem tal personagem deve ficar? O que você acha do tema da discriminação racial em *Malhação*? Quem você prefere ou acha bonito? Qual a melhor trilha sonora?

As alunas responsáveis pelos resumos eram chamadas de "noveleiras de plantão": "Hoje é segunda feira, sabemos tudo que irá acontecer (como sempre), mas, voltando a semana passada, escrevendo sobre a única novela que estava pres-tando. *Malhação*, como disse o próprio site, estava *in love*. Ass. *noveleiras de plantão*".

Esse episódio me fez rememorar o quanto, em outros momentos na sala de aula, as conversas dos jovens eram pautadas pelo envolvimento deles com os dispositivos midiá-ticos – temas e intrigas das novelas; quem vai para o paredão do *Big Brother*; notícias dos telejornais; sites da internet; troca de CDs e DVDs e outros. Esse envolvimento do "jovem com a mídia" foi motivador da nossa dissertação de mestrado, que tem, como produto final, a produção deste livro.

O fio condutor do nosso trabalho passa pelo entendimento da comunicação como "um processo de produção e comparti-lhamento de sentidos entre sujeitos interlocutores, realizado por meio de uma materialidade simbólica (da produção de discursos) e inserido em determinado contexto sobre o qual atua e do qual recebe reflexos" (FRANÇA, 2002, p. 27). Ou seja, como se dá a inserção da comunicação nos domínios da

experiência. Sob esse olhar, buscamos responder a seguinte questão: **como a experiência de “ser jovem” pode ser problematizada como um processo de interseção atravessado por discursos e representações e pelas singularidades dessas experiências vividas cotidianamente?**

Partindo do pressuposto de que o mundo em que vivemos não é um contexto fixo, mas se constrói por um conjunto de práticas, regras e discursos socialmente escritos e re-escritos, analisamos aqui como se estabelecem os atravessamentos entre vida juvenil e os discursos sobre a juventude na atualidade. Segundo Abramo (1994) e Dayrell (1999), cotidianamente nos deparamos com uma série de imagens e representações a respeito da juventude. Uma das mais enraizadas é a juventude vista como transitoriedade; o jovem é um “vir a ser”, tendo, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações presentes. Temos a juventude como um tempo de liberdade, de prazer e de expressão de comportamento; ou a juventude como um momento de crise, uma fase de muitos conflitos. A juventude também é percebida como momento singular, e os jovens como sujeitos de direitos. Além de enfatizar os cuidados que devemos ter em torno dessas conceituações já fixadas sobre os jovens, falar de juventude brasileira, segundo estes autores, é apreender os sentidos da experiência histórica do “ser jovem”. Registra-se, assim, a necessidade de falar de juventude(s) no plural e não de juventude no singular, para não homogeneizar

os sujeitos, e não esquecer as diferenças e as desigualdades que atravessam esta condição na atualidade brasileira.

Diante desse quadro, configuramos, como objeto de pesquisa, a análise da interseção entre as práticas, os “modos de ser jovem” na periferia,¹ e a maneira como tais práticas são atravessadas por representações e discursos televisivos, e, mais especificamente, disponibilizados pelo programa *Malhação*.² Nosso objetivo geral foi identificar e analisar as representações que orientam as práticas de um grupo de jovens, percebendo-as enquanto resultado de um processo de apropriação, reprodução e transformação dos outros discursos (como o da televisão). De forma mais específica, buscamos perceber como a temática “jovem e escola” articula as representações do “ser jovem” no programa *Malhação*, ao mesmo tempo em que nos propusemos a identificar e analisar os campos problemáticos levantados por esse mesmo tema na fala dos jovens. O cruzamento dessas duas entradas nos permitiu observar o processo relacional entre representações midiáticas, contextos sociais e sujeitos, além do tensionamento entre os ditos institucionais e as singularidades vividas pelos sujeitos jovens.

Para proceder a esse trabalho, evidenciamos dois eixos de análise. No primeiro, configuramos os discursos do programa



1 Trabalhamos com 25 jovens de uma vila localizada na região metropolitana de Belo Horizonte, no município de Ribeirão das Neves.

2 Programa juvenil da Rede Globo de Televisão.

Malhação na construção de representações sobre a vida juvenil. *Malhação* é um programa da Rede Globo que trata do cotidiano dos jovens. A escolha do programa se justifica pelo seu contínuo índice de audiência entre os jovens. É um programa assistido por jovens de todas as classes sociais e, também, a única experiência como programação juvenil que permanece no ar há mais de 20 anos. Num passeio pela internet, é possível nos depararmos com fãs-clubes, *blogs* dedicados aos atores de *Malhação*, grupos de discussão, monografias, dissertações de mestrado e outros.

O nosso segundo eixo de análise diz respeito aos “modos de ser jovem” na vila.³ A escolha destes jovens foi motivada pelo contato anterior que tive com eles na *Fraternidade Marista*: uma instituição jurídica sem fins lucrativos. Convivi com esses jovens durante seis anos nessa vila.⁴

A análise desses dois eixos nos permitiu revelar alguns traços que compõem o quadro discursivo e as referências que constituem a representação da juventude nos dias de hoje, bem como a forma como se manifesta esta interseção a partir da tematização específica: jovens e escola. Nossa investigação voltou-se, assim, para uma discussão que vem tomando corpo nos últimos anos no Brasil: os avanços, limites, obstáculos e desafios que marcam a relação do jovem com a escola. Identificamos, nesta relação, debates em torno

3 Vila Santa Fé.

4 Idem.

da relação jovem e mídia, culturas juvenis e escola, ritmos de aprendizagem, a relação entre o cotidiano juvenil e o cotidiano escolar.

Devemos lembrar que os debates referidos acima envolvem uma complexidade de questões que não tivemos a pretensão de responder. Com certeza, as temáticas das culturas juvenis, das aprendizagens escolares, da interseção entre cotidiano juvenil e escolar já foram objeto de estudo em profundidade nas áreas da sociologia da educação e outras. Portanto, não tivemos a pretensão de dar conta, em profundidade, das questões que envolvem a relação "jovem e escola". Nossa análise é mais pontual: ler modos de "ser jovem" numa sociedade em que as experiências humanas passam pelas forças propulsoras dos meios de comunicação que conduzem os sujeitos a se integrarem às culturas vigentes. Assim, em meio à onipresença da mídia na vida social, visamos fazer novos apontamentos da relação *jovem e escola* numa "sociedade da comunicação". Nosso leitor tem aqui um papel fundamental: preencher as várias lacunas abertas por uma leitura que se faz a partir de questões amplas, não podendo, por isso, ser examinadas em detalhe. Nossa expectativa é que os campos da comunicação e da educação possam estimular o interesse no aprofundamento da interseção entre mídia e vida social.

Organizamos o livro em cinco capítulos. O primeiro faz um pequeno esboço sobre a relação juventude, escola e midiatisação da cultura. Recupera-se uma pequena parte do debate

sobre a definição de juventude no Brasil. Nota-se, segundo Abramo (2005), que a “condição juvenil” é o modo como uma determinada sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, tendo, portanto, o alcance de uma abrangência social maior. Já a “situação juvenil” se refere mais especificamente ao modo como a condição juvenil é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – como de classes, gênero e outros.⁵ Neste sentido, “entre a condição e a situação juvenil temos as marcas da cultura, das condições materiais, políticas, histórias que marcam a tensão entre condição e situação juvenil hoje” (MARGULIS, 1996, p. 17).

O segundo capítulo discute as relações entre televisão e juventude, evidenciando o diálogo entre essas duas instâncias de produção de sentido: televisão e o cotidiano juvenil. Enfatizamos como a produção televisiva no Brasil tem dialogado, nos últimos anos, com questões mais específicas do cotidiano dos jovens. Recupera-se o histórico dos programas juvenis na televisão brasileira. Se, no início dessa produção televisiva, não havia uma preocupação específica sobre os jovens, a partir dos anos 1990 este mercado de produção é aquecido e o público juvenil passa a ser alvo das várias emissoras: TV Cultura, Rede Globo, SBT, MTV e outras.

5 Cf. Para essa distinção, Abramo toma como referência os debates de Abad e Sposito (2002).

O capítulo 3 procura delinear um pequeno histórico de *Malhação*, a fim de evidenciar permanências e alterações no decorrer destes mais de vinte anos do programa. Discutimos, também, a noção de gênero e de formato televisivo, evidenciando, aqui, a especificidade do programa *Malhação* – identificado como gênero híbrido que mescla entretenimento, educação e informação, configurando-se com traços da teledramaturgia e do seriado.

Os capítulos 4 e 5, por fim, apresentam o recorte empírico da pesquisa, indicando os eixos de análise que procuram dar conta da interação entre práticas e representações dos modos de ser jovem, objetivando compreender o processo comunicativo e as várias dimensões presentes na configuração do objeto.

O quarto capítulo aponta as principais discussões sobre a condição juvenil em *Malhação* na temporada 2006. A partir da gravação de 51 capítulos do programa, delineamos quatro modos de socialização da vida juvenil: a relação jovem e família, jovem e cultura, jovem e trabalho, jovem e escola. Destacamos as características principais do programa, como a tematização de questões polêmicas, a elaboração dos cenários, o uso de estrangeirismos pelos personagens e a relação figurino e identidade juvenil. Dentro deste *corpus*, e a partir da escolha da relação *jovem e escola*, fizemos um segundo recorte e, dentre os 51 capítulos, selecionamos 34 que tratavam dessa temática. A leitura destes capítulos nos

permitiu recortar três categorias de análise: 1) a escola como espaço de encontro e sociabilidade; 2) ensinar e aprender na escola; e 3) escola, intervenção e o caso dengue. A análise dessas categorias apontou para o tratamento diferenciado da relação jovem e escola no programa. A escola é representada como um espaço de encontro, onde os jovens personagens vivenciam os principais conflitos de suas histórias. Neste encontro, foi pontuada a relação dos jovens personagens com a arquitetura escolar (pátio, sala de aula, quadra, sala do diretor). Configura-se, ainda, a relação do ensinar/aprender na sala de aula (a relação professor/alunos, os ruídos entre o conteúdo ensinado e as conversas paralelas dos personagens jovens); e destaca-se, também, o envolvimento dos jovens com pequenos problemas sociais.

O capítulo 5 apresenta os discursos dos jovens com os quais dialogamos no nosso trabalho. Apresentamos o processo de seleção desses jovens e a metodologia de grupo de discussão utilizada na pesquisa. O grupo de discussão é uma situação específica de interação, onde os jovens são convidados a debater sobre a relação: *jovem e escola*. Nessa metodologia, o processo interativo permite que os jovens emitam suas opiniões sobre determinados assuntos, compartilhem essas opiniões com outros jovens e façam suas próprias críticas. Apoiamo-nos, para este trabalho, em alguns instrumentos metodológicos da pesquisa *Juventude Brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas*, estudo

qualitativo sobre os jovens no Brasil.⁶ A nossa apropriação dessa metodologia foi parcial. Utilizamos recursos como: ficha pré-diálogo, divisão dos jovens em pequenos grupos, roteiro para as discussões e sessão plenária. Realizamos cinco grupos de discussões intitulados: "Ser jovem na vila", "Jovem e Atividade Cultural", "Jovem e família", "Jovem e escola" e "Histórias juvenis em *Malhação*". Ainda neste capítulo, apresentamos uma sistematização dos grupos de discussão, destacando os pontos mais relevantes aí postos. Nesta, foi perceptível a riqueza das respostas dos jovens em relação a seus modos de "ser jovem". Alegria, responsabilidade, liberdade, trabalho, solidariedade, mídia e escolarização foram os itens mais discutidos pelos jovens. Em seguida, sistematizamos quatro categorias em relação aos debates dos grupos, categorias estas que se aproximaram das apresentadas na análise do programa *Malhação*: 1) a escola como espaço de encontro e sociabilidade; 2) ensinar e aprender; 3) escola, intervenção e cultura juvenil; e 4) juventude, mídia e escola. Por fim, delineamos a análise dessas categorias. Nesta, aparecem novamente a escola como espaço de encontro, a sala de aula como lugar de várias realidades, o ambiente arquitetônico como uma possibilidade (ou não) de mobilidade relacional na escola, os conflitos entre cotidiano juvenil e



6 "Essa pesquisa se baseou na metodologia *Choice Work Dialogue Methodology* – Grupos de Diálogo, a partir da experiência canadense que teve como base estudos de Daniel Yankolovich. O principal pressuposto metodológico dessa proposta encontra-se na superação da lógica que domina as pesquisas de opinião no campo das políticas públicas, considerando que elas apenas constataam o posicionamento dos cidadãos, sem criar oportunidade para e que esses exercitem coletivamente diferentes reflexões sobre o tema". Relatório final de pesquisa disponível em: www.ibase.br. Acesso em: 20 maio 2006.

cotidiano escolar, a relação jovem e mídia e suas interfaces com a escola. Neste eixo específico de análise, verificamos alguns conflitos entre o cotidiano dos jovens e suas experiências escolares que não se apresentaram nas histórias narradas no programa *Malhação*.